

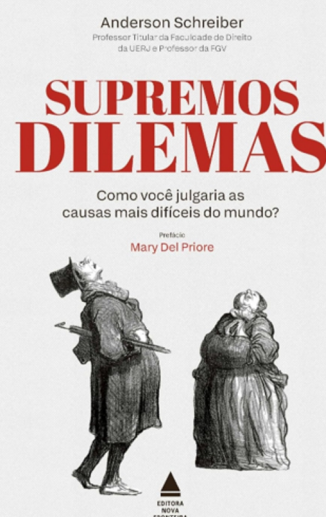
A indicação literária desta edição, antes de mencionar um livro, homenageia o excepcional Zuenir Ventura, que morreu aos 95 anos, no último dia 22/09/2026. Escritor, jornalista e imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), ocupando a cadeira de Ariano Suassuna, Zuenir era natural de Além Paraíba, interior de Minas Gerais. Foi pintor de parede, office-boy, jogador de basquete, arquivista, professor universitário e jornalista. Teve professores literatos, como Manuel Bandeira, Alceu Amoroso Lima e Cleonice Bernardinelli. Em 1988, Zuenir Ventura lançou o livro **1968: o ano que não terminou**. A obra serviu de inspiração para a minissérie *Os Anos Rebeldes*, produzida pela TV Globo. O capítulo “Um herói solitário” inspirou o filme *O Homem que Disse Não*, feito pelo cineasta Olivier Horn para a televisão francesa. O livro reconstruiu um dos períodos mais tensos da história brasileira: o endurecimento do regime militar, a repressão política e a mobilização estudantil, que culminaram no AI-5. O livro, que conta com 48 edições e já vendeu mais de 400 mil exemplares, também faz referência a artistas que participaram do combate ao regime militar e que adquiriram importância nacional nos anos que se passaram, como Caetano Veloso, Chico Buarque e Geraldo Vandré. Zuenir venceu os dois maiores prêmios de jornalismo do Brasil: o Prêmio Esso e o Prêmio Vladimir Herzog. Além disso, em 2008, recebeu da ONU um troféu especial por ter sido um dos cinco jornalistas que mais contribuíram para a defesa dos direitos humanos no país nos últimos 30 anos.

Zuenir Ventura discursando na ABL. <-



Anderson Schreiber, Doutor em Direito pela *Università degli studi del Molise*, Itália, lança o livro **Supremos Dilemas**, uma coletânea de 11 casos reais para mostrar que até os juízes mais experientes do mundo hesitam, divergem e mudam de entendimento diante de questões que parecem simples, até que seja preciso, de fato, decidir. Com o apoio do pai, uma velejadora de 13 anos quer cruzar os oceanos sozinha. O Estado pode impedi-la sob o argumento de que tem o dever de protegê-la? Um homem com nanismo aceita ser arremessado em um espetáculo remunerado e afirma que proibi-lo violaria seu direito ao trabalho. Mas a lei deve protegê-lo, ainda que contra a sua própria vontade, em nome da dignidade humana? Um avião sequestrado segue em direção a um prédio lotado. Derrubá-lo significaria matar os passageiros, mas poderia salvar centenas de pessoas em terra. O que fazer? E como julgar um grupo de humor acusado de ofender a fé de milhões de pessoas? A liberdade de expressão deve prevalecer ou há limites para o humor? Casos como esses desafiam nossas certezas e chegaram aos tribunais de diversos países. E você? O que faria em cada uma dessas situações?

O livro será lançado, com leitura pública, no dia 29 de setembro, às 18h, no Espaço Cultural na Justiça, R. Dom Manuel, 29 - Térreo. Entrada gratuita. Ingressos pelo link: <https://shre.ink/Gtxz>



A Pinakothke Cultural, galeria especializada em arte brasileira, inaugurou, no Rio de Janeiro, a exposição **Revolta em Preto e Branco**. A mostra revisita o histórico Salão Preto e Branco, de 1954, realizado pelo Ministério da Educação, no Palácio Capanema, no Rio de Janeiro. Com curadoria de Shannon Botelho, estudioso do assunto, **Revolta em Preto e Branco** reúne 61 obras de 50 artistas, oito delas que efetivamente participaram da exposição de 1954, e que hoje podem ser vistas novamente juntas. Na segunda sala, o público verá artistas do manifesto que originou o Salão de 1954 e outros com estéticas semelhantes. Há obras de Portinari, Lygia Clark, Hélio Oiticica, Lygia Pape e Fayga Ostrower. Uma terceira sala traz o presente, com trabalhos de artistas que continuam a tratar da relação entre arte, política e meios de produção, entre eles Carlos Zílio, Amílcar de Castro, Antonio Dias, Andréa Hygino, Elizabeth Jobim, Germana Monte-Mór, Iole de Freitas, Bruno Dunley e a dupla Faixa Protesta, formada por Gustavo Speridião e Leandro Barboza.

A Pinakothke Cultural fica na Rua São Clemente, 300, Botafogo. Funciona de segunda a sexta, das 10h às 19h, e sábado, das 10h às 16h. A entrada é gratuita e a exposição vai até o dia 21 de novembro de 2026. Natureza Morta, de Iberê Camargo (1914-1994) <-



Você Sabia?

Você sabia que na rua Gonçalves Dias se vendiam bichas-monstro? A Gonçalves Dias, no coração da cidade, é muito mais do que o endereço da famosa Confeitaria Colombo — a casa, que reina entre espelhos belgas e mármore italianos, no nº 32, foi fundada em 1894 e é o principal atrativo. Porém, muito antes de a Colombo nascer, a rua já existia. No Rio antigo, os logradouros eram conhecidos pelas atividades que ali se desenvolviam. Devido à concentração de ferreiros e artesãos, a rua ficou conhecida como Rua dos Lateiros. Ainda estreitinha, a Rua dos Lateiros entrou para a história em 1789, quando nela foi preso Joaquim José da Silva Xavier, o nosso Tiradentes. Em 1865, para homenagear Antônio Gonçalves Dias, a rua mudou de nome. O poeta maranhense, morto em um naufrágio em 1864, morava ali ao escrever *Os Timbiras*. Na mesma casa, funcionou o Colégio Vitório. Foi em uma tipografia da rua, que, em 1891, Joaquim Nabuco e Rodolfo Dantas fundaram o icônico Jornal do Brasil. Além de todo o requintado comércio daqueles sobrados, como a Rotisserie Americana, a Botica Homeopática Teixeira Novaes, a Tecidos Rotex, o Cabeleireiro Schmidt, a Riviera Modas, a Joalheria Schupp e o Café Papagaio, no número 56, funcionava o estabelecimento mais curioso da rua: chamava-se As Bichas-Monstro. O extinto jornal Diário de Notícias, em 1870, anunciava a casa especializada na criação e na venda de sanguessugas — um verme hematófago muito procurado à época para tratamentos médicos. Acreditava-se que, ao sugar o sangue dos enfermos, ajudava a curar as moléstias. O cento custava 20 mil réis (equivalente hoje a R\$ 2.500,00) e, se pagasse à vista, o cliente levava dez bichas de bônus e, além disso, ainda se podia alugar algumas.

Vista da movimentada rua Gonçalves Dias, no séc. XIX. <-

